



**Contos e
Novelas
Portuguesas
do SÉC. XIX**

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Vitorino Nemésio

A CASA FECHADA

I

E depois, a varanda tinha uma vista soberba para o vale, com pilares de cimento armado e dois grandes tinotes verdes plantados de sardinheiras. Podiam ir merendar à Fonte dos Castanheiros. Para lá chegar, passava-se por um brejo que tinham começado a estaquear de pinheirinhos.

Luís calou-se. Maria Adelaide levantou a cabeça do fardo de colchão que alinhava e olhou para ele. Ia perguntar «e que mais?» ou consultá-lo sobre uma coisa que tencionava levar para as Penhas e que não figurava na lista? «O balouço. – 3 metros de cretone. – Despedir-me das Reis.» A folha do bloco roçou no novelo de guita e padejou no ar.

– Fecha a janela – disse para o marido. – Que vento quente!

Luís ajustou as vidraças. A clarabóia de uma casa nova faiscava e tiravam água do poço do Linhares com um aparelho que rangia como a serra de uma fábrica, dando cabo dos nervos só com uma folga de segundos.

Os pinheiros estavam com certeza crescidos, e os eucaliptos de entremeio, que não eram mais do que vergõntes – finos, altos, toucados de folhas malucas quando passavam os bafos agradáveis do vale a levar o sonho. O Beto entrou no quarto como um ciclone, com um barco de papel na cabeça:

– Milá, Milá, levo o cavalo grande?

– Não, Beto; vais estragá-lo.

– Deixa levar – disse Luís. – Então porque é que o pequeno não havia de levar o cavalo...?

Maria Adelaide arrematou nervosamente a costura do fardo, dando uma tesourada na guita:

– O Beto ouviu? O papá diz que pode levar o cavalo.

O pequeno enfiou o barco de papel no cabelo de Maria Adelaide, desenhou uma pirueta, beijou o pai e partiu. Luís viu dobarem-lhe as pernas antes de a porta bater. Como estava espigado!

O brejo, antes de plantado, só tinha um mato rastiço e trémulo de flores roxas. Luís descobrira numa touça uma madrigueira de raposa com a entrada marcada a penas de galinha. Um rabinho de coelho, com o toco empastado em sangue seco, tinha uns pelinhos adejados como uma bandeirola de piquenique. Agora crescida a mata, que seria dos cachorros, da raposa, do feitio selvático do terreno cavando a meio do caminho da Fonte dos Castanheiros aquele retiro sem nada de especial, a não ser a maneira segredada como vinha o sopro do anoitecer e a voz do lado do Luís musicando-lhe a ideia fixa com que marchava zumbindo, de volta a casa: «Este ano havemos de ficar até Outubro nas Penhas; sim, Luís?»

– É pena que a Brites não possa ir passar alguns dias connosco – disse Maria Adelaide pegando no fardo de braçado para encostá-lo à parede. Luís correu a ajudá-la; mas o colchão já estava no sítio. O folhelho ficou a mussitar. – Posso sozinha.

Maria Adelaide estava afoguada do esforço e exalava o que quer que fosse de perturbante e atarefado. Luís, como se não tivesse percebido que o fardo já não atravancava, abraçou-se a ela, deu-lhe um beijo e ficou parece que à espera de ter outra coisa a mudar, percorrendo com os olhos o quarto. Maria Adelaide metia tranquilamente o novelo de guita e a tesoura no bolso do avental de peito alto.

– Recebestes carta da Brites? – perguntou Luís desconcertado no meio das próprias efusões, procurando ao menos réplica ao seu abraço em palavras, como se juntasse os cacos de uma jarra desastradamente partida.

– Sim. A carta chegou na distribuição da manhã, com a resposta do ministério sobre o projecto do Palácio da Justiça. Não te lembras?!

– É verdade. Ele até tinha dito, levantando a mão contra a salva que a rapariga lhe estendera e tirando à pressa os óculos da mesinha-de-cabeceira: «Letra da Brites. Toma.» É boa!

– E não vem?

– Pois não vem, não.

Oh, oh... Sim, não tinha a ideia de ter perguntado, como era costume àquela deliciosa hora do correio e do café com leite na cama: «Que diz a Brites? Lemos ambos» – e Maria Adelaide voltava-lhe a nuca constelada das prisões dos caracóis, estendia as mãos com a carta amachucada de uma tentativa de assalto, para o lado da tomada da corrente; ria, resistia. Fazia-se silêncio no quarto; o colchão era de arame e fora encordado de novo. Luís levantava-se em pijama, abria mais as janelas, e formavam com os corpos em quina e a carta acessível a ambos

(Maria Adelaide em camisa de tufos, com os braços descobertos) uma espécie de pássaro no ninho, que esvoaça e resolve ali ficar.

Do poço do Linhares chegava, arrastada, a sarrazina: hããã... rr! Hããã... rr! Telhados, a clarabóia coruscando, e bastante calor. Luís desviou os olhos da janela, enconchou a cabeça de Maria Adelaide nas mãos:

– Que tens?...

Borbulhavam-lhe lágrimas; reprimiu a boca baixando as pálpebras de um modo ofendido mas secreto; despreendeu-se dele:

– Nada...

– Foi por eu dizer ao Beto que podia levar o cavalo? – Ela fixou-o, depois a um ponto que estava no tecto e não teria muito que ver; – ...por não ter prestado atenção à carta que recebeste da Brites? – Ela suspirou. – Patetinha...

Beijou-a nos olhos. Foram à janela sem que nenhum se lembrasse de tal, primeiro ou depois do outro. Então Maria Adelaide, com as mãos articuladas fora do peitoril, cotovelos agudos e esponjosos como mamilos, pôs-se a explicar as razões por que a Brites não vinha.

Duas pregas na testa diziam que a sua tristeza havia voado. Luís assobiava, de cabeça encostada ao punho. O cenário mudara sem que a disposição das coisas, para lá da janela, tivesse sofrido moosa; só o poço do Linhares deixara de ranger. Maria Adelaide sentiu uma impressão na cintura e recolheu-se um pouco, metendo a mão no bolso do avental e achando as orelhas da tesoura. Ia dizer uma coisa, mas o assobio de Luís encontrou no horizonte os andaimes de um teatro que andavam a construir, bojos de varandões com alguns balaústres postos, e, subindo de tom, morreu na seguinte tagarelice:

– Milá, vamos ganhar muito dinheiro com o Palácio da Justiça! Uma fachada seca, ao alto uma grande platibanda com estátuas alegóricas, um portal como o de um stand, e o átrio... o átrio! A escadaria, com os corrimãos em gola, está toda aqui na cabeça... Vinte contos pelo projecto. Já fiz o primeiro alçado. Falta-me só perspectivar os dois corpos laterais, arrumar as secretarias, fazer o esboço da sala de audiência, uma coisa grave e sem academismo nenhum... Romano! Vais ver; com um grande sabor a Cícero! – Teve reminiscências de um latim que infelizmente odiara; a coroa do P.e Rebelo despediu um fulgor de moeda antiga; uma lengalenga azoou-o: Dolebam enim, patres, conscripti, et vehement angebar... Não se lembrava de mais. Colou uma série de pontos luminosos ao colo de Maria Adelaide (o colar há que tempos

prometido!) e disse, fixando-a de perto, com os olhos longe da arte: – E depois, como fiscalizo as obras, rende-me mais uns vinte contos... Milá, isto... hem?

Fizera menção de atar uma coisa ao pescoço. Maria Adelaide lavou-se num sorriso quase pastoso, fez um biquinho:

– Ah... Mas vais levar os rolos para as Penhas, passar manhãs inteiras com o esfuminho na mão... – (Quando trabalhava, Luís costumava afastar a cabeça do papel, inclinando-a à esquerda, à direita, como um pardal de praça pública antes de escolher um outro ramo, e Maria Adelaide via-o dali assim mesmo; mas via-o! como à maçadora clarabóia da casa nova defronte, toda vidrada ao sol.) – É muito mal-entendido trabalhar num mês de descanso. Fico tão só...

Era uma vez por outra. Luís estava disposto a preguiçar o mais possível. Veio-lhe uma súbita necessidade de planos ociosos, cadeiras de lona; e, como queria explicar onde tencionava armar o balouço para os pequenos, retomou a descrição da casa das Penhas (via-se uma ermida ao longe).

Maria Adelaide nunca tinha ido às Penhas. Era a viagem enguiçada. Tinham automóvel para tudo: ir à Batalha, ver um solar da Beira, que o dono pretendia restaurar, fazer a ida e volta ao cinema a quinhentos metros de casa (havendo eléctricos), e até para não sair da garagem dias e dias seguidos, num rebate de Luís sobre a alta da gasolina. Só para as Penhas é que não. Quando falava nisso, Luís desfiava pretextos: humidade, falta de óleo, a planta a passar a limpo...

Mas estas razões e parecidas não tinham vindo de uma vez; Maria Adelaide é que as ouvia agora atropeladas, como um rancho de crianças que chegam a correr de uma coisa misteriosa e surpreendente, e todas querem contar um pouco da maravilha, corrigindo-se umas às outras. Escalavam-se ao longo de três anos e eram mais... muitas mais. O canudinho de bolso que mostra estrelados de cor tem mais do que um modelo.

Três anos pareciam a Maria Adelaide muito tempo; mas como tirava deles só as vezes que um projecto de ida às Penhas falhara por motivos pueris, como se esses motivos fossem montes, climas diversos, rios a atravessar com o automóvel num barco, o tempo voava-lhe na cabeça rapidamente referenciado. E era triste, desconsolado como uma noite numa estepe.

Luís já fora ao escritório e voltara trauteando em surdina, sinal de que o Palácio da Justiça tinha mais uma pedra no ar. Maria Adelaide enervou-se, mas viu um colar de pérolas, por ora teórico como a linha geral daquela nova encomenda de Luís. Numa roldana invisível um fiozinho puxava; o colar ia subindo como uma cobra um muro.

Carmina entrou a anunciar que a camioneta estava à porta, mas que não se via o Eduardo, nem na garagem, onde o automóvel estava coberto de cotim como uma estátua a inaugurar, nem à porta da barbearia onde era plantão infalível, nem em parte nenhuma.

– Tens tudo pronto? – perguntou Luís.

– Faltava-me só enfardar o colchão da Mininha.

Desabotoou o avental. Assim caseira e expedita. Luís mediu-a num olhar que parou nos seus sapatinhos de trazer, como se seguisse a linha de uma casita rural, ao mesmo tempo muito provinciana e de um estilo puríssimo, como raras escapam por campos e vilas fora. A delicadeza de ela própria emalar o colchão da enteada caiu no coração de Luís como pingo de bâtega no pó. Depois raciocinou de modo que, se quisesse agora descrever o brejo do caminho da Fonte dos Castanheiros, já não teria pena dos eucaliptos crescidos nem da madrigueira abandonada.

– Vou ver se descubro o Eduardo. Queres que te ajude a alguma coisa?

Maria Adelaide ouviu-lhe mentalmente o assobio derivativo, uma espécie de pizicato. Era muito prática nas suas coisas e disse logo:

– Não. – Luís saiu. – Mininha! – A pequena aproximou-se. – Deixa cá ver as tranças. – Carmina passou os polegares por detrás da cabeça, como quem faz saltar dois bichaninhos à corda. – Já sabes que não gosto que as tragas tão apertadas. Quando será que cortas essas antipáticas pendurezas?

– Mas o papá gosta de me ver assim e tu costumavas gostar de tudo o que gosta o papá... Já viste o retrato da mamã quando era pequenina? Era assim, com duas berletas como eu.

– E que tem isso?

– Tem muito. Eu quero ser como a minha mãe. Se casar, há-de ser com um arquitecto... Não, não alargues, Milá! Deram-me tanto trabalho a fazer, as minhas tranças! Também gostas que te mexam no cabelo quando passas uma manhã a ensaboar, a frisar com uma toalha por cima dos ombros?

– E que tem a menina com isso?!

– E que te importa o meu penteado? Nunca me ajudas a vestir; nem sequer és minha amiga...

A pequena soltara-se das mãos de Maria Adelaide, que olhava para ela duramente, depois admirada, como se a visse crescer ali mesmo e alegar uma ofensa extraordinária do alto de uma cadeira como as do Palácio da Justiça e num salão muito maior do que o que Luís lhe descrevera e ela tivera de ouvir pensando no colar. Gritou:

– Mininha! Mininha! Aqui, já! Não ouve a sua mãe?! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

Mas a criança desaparecera. Maria Adelaide saiu como um tufão para o corredor. Um moço, ao topo da escada, com o ombro de ganga a sair da quina de uma mala pesada como um esquite, rolava-a degrau a degrau:

– Ahan... Deixe vir! Deixe vir sempre! Estou-lhe a dizer que deixe vir...

– Teresa, a menina?

– Foi a correr para o quarto, minha senhora.

Luís apareceu ao fundo da escada e, vendo a maneira como o moço estava arreando a mala, começou a disparatar. Havia uma coisa que há muitos anos o não incomodava assim: ver descer uma massa de madeira levada pelos dois topos:

– Então você não vê que me dá cabo da mala, seu estúpido?

O moço emergiu por detrás das laças da corda, limpou o suor e murmurou:

– É a paga que dão a um homem por fazer o serviço em condições...

II

Quando a chave rodou na fechadura, responderam a Luís os conhecidos ecos de uma casa fechada. A empena cedeu dificilmente, ao segundo empurrão. O vento ponteiro enfiou, e Luís recebeu, com o rasto alaranjado da frincha da porta do fundo, que dava para trás, um bafio encrespado, uma apara de papel revolteando e passando-lhe rente ao cotovelo; depois, ao entrar na casa de jantar, à esquerda, a visão das cadeiras empilhadas de pernas para o ar na mesa. Uma aranha tecera um véu ao canto da janela; Luís tirou as tranquetas. E ao sol, os fios ficaram irisados, uma parte da teia rota do puxão dado à portada. A aranha, como uma veia estrelada de fiozitos de sangue, ganhou na parede e sumiu-se.

A vidraça, sacudida por Luís ao abri-la, bateu de par em par.

– Posso seguir, patrão?

– Podes. E quando a senhora quiser vir com os meninos, trá-los devagar. Cuidado com as passagens de nível...

– Não há novidade.

O motorista tirou o boné e o carro rolou quase sem ruído. O verde dos guarda-lamas cintilou e desapareceu.

Luís sentiu-se então perfeitamente só. As Penhas tinham uma dúzia de casas espalhadas à volta da igreja, em cujo campanário barroco, como num almofadão posto num tampolim, um galo de lata ensarilhava. Mas ficavam longe do retalho de pinhal em que Luís abrira apenas o espaço necessário para a casa, a que propositadamente não dera variedade de corpos. Era um caixote de alvenaria com um corredor ao meio e três quartos de cada lado, incluindo a cozinha. Para além dos três metros de jardim, que só nas traseiras desbordava para a encosta das Penhas, suave e profunda da sua confusão com um vale a perder de vista, os pinheiros, compactos e picados dos cotos dos galhos gradualmente decepados, sussurravam no céu. Nunca tinham sido sangrados.

A sombra do pinhal, o seu aulido lento, sem som, pareciam a Luís entrar e viver na casa. Escancarando as duas portas dos extremos do corredor, o vento passou de lado a lado como agulha num saco de linhagem, as portas dos quartos estremeceram como fios arrepiados pelo ponto. Era preciso arejar toda a casa, acabar com aquela angustiada correspondência entre os rumores do pinhal livre, cor de fundo de garrafa assestado a um eclipse, e as crepitações imperceptíveis do tecto, dos cantos, a fuga das baratas na cozinha, grãos de milho de enfiada a um buraco aberto no sobrado, onde luzia a tarde que vinha das gateiras da cave.

Abriu a janela do quarto das crianças, o seu escritório, o quarto destinado ao sogro. Como estaria o velhote? Desde a última vez que Luís fora a Lisboa, ao enterro do pai de Maria Adelaide, não o tornara a ver. Apenas de tempos a tempos, em cartas cada vez mais rareadas, Veva lhe dizia que o pai passava na forma do costume, talvez um nadinha mais tonto. Às vezes começava a tremer com a mão direita espalmada à altura do peito, como quem experimenta o afino de um velho violão; e, depois de um esforço de minutos, com as rugas da testa pronunciadas, saía-se com esta: «A Margarida escreveu?» Veva ficava com os olhos muito redondos e punha-lhe a mão na cabeça: «Então, pai, não se aflija...» O velho compreendera e recomeçava as massagens nos dedos da mão direita, à espera do jornal.

Este ano era preciso trazer o sogro às Penhas, pensou Luís. Na mesinha-de-cabeceira, a palmatória ainda tinha o coto de vela derregado com que o velho lia até tarde. Na base do paviero não largara a estearina. O colchão estava dobrado, e na mesa nua, pintada a ripolin, esquecera um código. Havia cinco anos que tinham fechado pela última vez a porta daquela casa, e meses depois o Sr. Conselheiro Neto abandonara o Supremo por causa do ataque apoplético. Veva casou logo que aliviaram o luto, e, fechada a casa da Rua das Trinas, o Beto e a Mininha

foram com o avô para casa dos tios; o Tomás fora nomeado capitão do Porto da Ericeira. Luís ia à Alemanha.

Não era capaz de abrir a porta do seu quarto de cama. Era o primeiro à direita da entrada, quando se vinha de fora. A janela dava sobre uma mimosa que arranhava os vidros com as pontas floridas. Defronte, seguia o murinho da rua com os XXXX de tijolo da Pampilhosa e um cacto de três orelhas num alguidar de faiança, de que ainda escorria um pingo estalado do fabrico. Se Luís pusera toda a casa aberta às essências do pinhal, talvez aqueles quadradinhos por detrás da mimosa farfalhante devessem ficar assim. Na outra empena, quadradinhos igualmente cerrados reflectiam o Sol quase escondido. Encostado, e dividido com telhas, era o canteiro das dalias; a cama de casal correspondia ao ângulo entre as duas janelas, com a cabeceira para a rua. Se se escancarasse tudo, não se pararia com vento. Precisamente desse lado os pinheiros esbracejavam mais, cheirava mais a resina. Mas Maria Adelaide não tardaria aí com os pequenos, a camioneta estava a chegar, fazia-se noite, era preciso mexer as camas, desemalar o indispensável. E de repente toda a casa começou a viver de outra maneira, como se estivesse em ordem, cada quarto arranjado e com pessoas lá dentro, passos marcando no soalho a reclusão de cada um, e um coco frenético a esfregar para os lados da porta da cozinha.

Luís saiu, deu uma volta ao jardim, entreteve-se a cortar dalias secas. Viera à frente da família depois de uma cena desagradável, em que se vira obrigado a falar severamente a Mininha e a dizer a Maria Adelaide, fechados sozinhos entre as malas, que um pouco mais de paciência com os pequenos não lhe ficaria mal. Se eram desobedientes, ela arreliaava-os sem motivo. Maria Adelaide, aflautando a voz, dissera que... era de mais...

mais lhe valera ter morrido também quando casara... A palavra «desconsideração» atirada com um esganiço impossível, que cortara a paciência de Luís como a lasca de um vidro: «Pssch!» Os olhos de Luís ficaram injectados, pusera uma mão num ombro de Maria Adelaide como um torno a que dão a última volta, crescidos um para o outro, com um ódio inclinado de cá, de lá uma expectativa dorida, súbita, como quem diz «porque não bates?» Luís atirou com placidez mais uma dália seca e procurou mentalmente o que é que Maria Adelaide lhe teria dito afinal. Veio uma frase: «Nesta casa os mortos mandam mais do que nós.» Seria verdade?

Então, vendo a janela do seu quarto de cama fechada e as outras trespassadas de ar vivo, que enviavam de dentro uma mobilidade luminosa, entrou à pressa em casa para acabar com aquilo. A porta do corredor abriu-se tão facilmente como se tivesse acabado de a deixar encostada. Destrancou a janela da frente, depois a que o levava àquele gesto como o botão de uma mola cuja percussão faz milagrosamente andar um aparelho absurdo em que nos vemos

paralíticos. O cair da noite entrou, azulou a cama de tarja alta, o toucadorzinho irreconhecível do pó e da falta de objectos, acusando na mesinha-de- -cabeceira uma velha bota de Luís e, no cabide de duas pegas, ao lado do espelho mareado, uma blusa que o vento perturbou.

Luís ficou a meio do quarto, imóvel; um caruncho roeu subtilmente – não saberia dizer se no tecto, se na entranha da cama que se pôs suave na sombra, como se a tarja de castanho se adelgaçasse para sorrir. Mas uma coisa preta saltou elasticamente pela janela e todo aquele silêncio coberto de significações misteriosas passou a pulsar no corpo de um cão rasteiro – no lombo, na cauda, nas patas marcadas de terra nas joelheiras de Luís, no focinho anelante e molhado, que começou a ir e vir de Luís ao sítio da cama; depois, com cabeçadas de ternura e olhos insatisfeitos, tentando atirar a língua ao nível do pescoço reconhecido.

– Fiel! Quietos, Fiel!

O cão galgou o peitoril para o jardim, e Luís, chegando à janela, viu-o agachar-se aos pés de José da Anica, voltando o focinho para trás na direcção de onde vinha.

– Olá, Sr. José. Viu chegar o automóvel?

– Não, meu amo. Estava a arrancar umas batatas; o cão pôs-se todo ouriçado e largou-se. – Afagou as orelhas do Fiel; deixou-se lambe nos queixos. Depois, falando para o bicho: – Eu bem sei porque choras... Cheirava-te às gulodices de outros tempos... 'assa d'í! Meu amo não faz ideia como estes bichos são finos. Olhe que a última vez que vossemecês se foram não se tirava da porta, a rapar, a rapar...

Luís esboçou um gesto contrariado:

– E você ainda toma conta do Convento da Milhã, Sr. José? Disseram-me que ia para lá um asilo...

– Saberá meu amo que sim; isto é, ouço falar... 'ssa d'í!... Pois isto é fino como azougue – disse, apontando o cão; – nunca mais se esqueceu, e já lá vão... Ora quantos anos é que vão que meu amo ficou viúvo?

– Cinco – disse Luís maquinalmente. – E você que pensa fazer quando lhe tirarem o lugar de guarda do convento?

– Tenho aí umas jeiras... Aos bois nunca falta trabalho... Lá a patroa sabe de costura e não lhe largam a porta para nicas e enxovais de casamento... Prendas da Sr.a D. Margarida... A minha diz sempre: «José, se não fosse a madrinha ter-me ensinado a bordar, tão cedo não pagávamos a casa.» E é verdade! Muita nota de cem meti eu na caixa, ganha com a agulha da mulher. – José da Anica parecia trabalhado por uma preocupação única, como se desse a menina do olho a

revistar, com medo de argueiro ou catarata. Considerou Luís em silêncio e desfechou: – É verdade que o patrão se tornou a casar? A mim disseram-me que a sua senhora é francesa, lá contratos de guerra... A gente não se vê há que tempos... isto é, desde que fui ao enterro da Sr.a D. Margaridinha, Deus lhe dê o céu...

– Pois casei; mas a minha mulher não é francesa, é de Lisboa – disse Luís, olhando nervosamente para a estrada, para lá dos pinheiros. Este José sempre lhe parecera metedigo e manhoso.

Por isso preferira entregar a casa das Penhas ao cuidado do João Manco, homem de poucas falas. De resto, tinha pouco que fazer: tratar do jardim, vigiar os vasos do muro, arejar uma vez por outra. Uma camioneta pontuou ao longe a estrada, no Cabeço da Lagarta: – Aí vem – disse Luís.

– Se o patrão quer, ajudo a descarregar.

– Obrigado, Sr. José. Não é preciso.

– Então boa tarde! Desculpe o incómodo...

– Adeus! Passe bem.

O José da Anica enfiou o carapuço na cabeça e transpôs a cancela de ripas pintadas de verde, que a criada, apeada da camioneta, calçara com um calhau. Já estavam no chão alguns fardos, e uma lata de dez litros, babada de azeite, deixara na areia do jardim uma sigla enigmática.

– A senhora? – perguntou Luís, da porta.

– Vem aí com os meninos.

O José já ia longe. A sua casinha ficava lá adiante na estrada, antes da curva. Uma aboboreira trepava para o telhado com as folhas peludas aderidas do pó de todo o dia, como se fossem recortadas da casca cinzenta do caminho; a chaminé desenrolava o fumo da ceia. Um gato rabão, de bigode rente às telhas, marinhou para o forno, e um garoto gorducho correu da porta a receber o pai. Era da idade do Beto e herdava-lhe os babeiros quando ficavam puídos.

Luís dirigia o descarregamento da camioneta ao lado do João Manco. Tinha anoitecido. Manchas mais negras do que a noite acusavam as associações dos pinheiros agora tranquilos, ao longo da estrada ou nas ondulações da Serra, como colunas em bivaque. Acendiam-se ao longe casebres e as estrelas picavam o céu, para onde parecia ter ido o último luaceiro do dia.

Os faróis de um automóvel abriram no Cabeço da Lagarta dois cones de poeira iluminada. Apagaram-se, e o carro parou à porta da casa das Penhas.

– Mas então a mulher não veio com ele? – perguntou a Anica ao seu José, sentados à soleira da porta.

– Se queres que te diga, acho o Sr. Luisinho diferente. Até parece que não gosta que a gente lhe fale na madrinha... O caldo tem fumo, Anica.

– Só se foi de os canhotos serem verdes. – A Anica sorveu uma colherada: – É um quase-nada; tem paciência...

– Deixa lá, mulher; tenha-o a gente todos os dias! Dá mais uma batata ao pequeno.

A camioneta arrancou; depois, via-se que o automóvel se fora porque a lanterninha vermelha fugia ao rés da estrada como um vaga-lume redondo. A Anica e o seu José tinham acabado a ceia, deitado o pequeno, e, como de costume, vieram outra vez sentar-se no traço da sua porta a gozar o relento.

– Tu cuidas, José, que o Sr. Luisinho já se esqueceu da madrinha?

– Eu cá digo que ele se casou outra vez para ter quem lhe trate dos meninos. Um homem sozinho é com'a um cego.

– Mas dar uma madrastra aos filhos daquela santa! Quantas vezes ela me disse: «Anica, se eu morresse e tu não tivesses o teu homem, quem eu queria com a Mininha e com o Beto eras tu.»

– E vê lá se o Sr. Luisinho nos disse alguma coisa quando lá fomos dar os pêsames...

– Pudera! Com o nosso menino, o que é que podíamos fazer?

José da Anica marralhava uma ideia impraticável agora, como quem quer fazer entrar um leitão que traz da feira num cortelho sem porta nem bueiro:

– Ora... Tudo se tinha arranjado. Íamos para a cidade, o Sr. Luisinho mandava-me aprender a chofer...

– Estás tolo! Ele não havia de querer os filhos criados com o nosso. Não; aquilo não era forma para o nosso pé.

– Foi um pontapé na sorte – disse José da Anica arreando aquela utopia do seu mastro, como um navio em quarentena, reflectido numa água escura de mãos agarradas à enxada e da guarda do Convento da Milha. – Ele o que queria era quem lhe aquecesse a cama.

– Coitado de quem morre! – disse a mulher. – Acendeste a luz às alminhas?

– Olha que me esqueceu!

– Vamos lá ambos, homem.

A Anica deitou um xaile aos ombros e o José a sua jaqueta. Cinquenta passos andados, à beira do pinhal, ficava o nicho: uma espécie de arquinha escaiolada de branco com uma portinhola de vidro. José abriu-a, fez lume nas mãos em concha; a lâmpada de azeite avivou as almas penadas no palmo de azulejo. A Anica ajoelhou num pouco de caruma chovida da orla dos pinheiros e murmurou de mãos postas:

– Por alma de minha madrinha, Padre-Nosso que estais nos céus...

Recolheram a casa e deitaram-se. Ainda luziu uma talisga das portadas do postigo de verga redonda sobre a estrada como a prega de uma pálpebra descida. Depois apagou-se. Na casa das Penhas corriam o fecho às vidraças; uma luz de petróleo apareceu primeiro pela frente, depois veio amarelar um dos quartos da empena virada ao José da Anica. Parecia que se iam deitar; a casa, sem comunicação, tomava o ar de coca de capuz puxada à frente. Mas lá se abriu uma porta, e um vulto veio ao jardim passear um lampião pelos canteiros, como quem procura um brinco ou anda a catar caracóis. Passou uma aragem nos pinheiros e o vulto meteu-se para dentro.

Luís não levou muito tempo a adormecer. Ajudando os pequenos a descer do automóvel depois de ter estendido a mão a Maria Adelaide na expectativa de um não-sei--quê, sentiu que era absolutamente incontrolável tudo quanto pudessem dizer um ao outro nesse resto de dia. Preferia que se não tocasse no assunto que os tinha toldado, e parecia contudo esperar uma súbita reconciliação em que não tivesse de arriscar iniciativa alguma. Mas as mulheres falhavam sistematicamente na vida de Luís ao seu sentimento de que o humor de um homem deve ser executado por elas como uma partitura de caprichos de que, desconhecendo a notação, devem reproduzir no entanto sem hesitação nem fífia o desenvolvimento todo. Felizmente Maria Adelaide, se lhe não entendia os nervos, era sóbria e submissa. Uma espécie de inferioridade resignada pairava nela acima dos desentendimentos do casal, exprimindo-se bastante bem em conversas inúteis e pouco dispendiosas de palavras, que se sustentavam sem quebra do surdo remoer de cada um. Assim o mal-entendido de há pouco não corria o risco de agravar-se.

O areúscio do jardim cantou sob os sapatos de Maria Adelaide no corredor. Puderam deitar-se cedo; não havia nada como ter criadas expeditas, ainda que cantassem todo o dia e tivessem uma ponta de génio, como acontecia com Teresa. Os pequenos, por uma noite, podiam dormir a lastro. Luís dera um beijo em cada um. Mas Maria Adelaide demorava-se sempre a coleccionar no quarto tudo o que era preciso para não ter de levantar-se mal se tivesse deitado, e a cena do despir dela impedia Luís de ser o executor do gesto que considerava como o selo da solidez de um casal: atingir, de um salto dado em pijama e deixando os chinelos ao pé da cama,

prontos ao salto contrário, o lado do colchão rente à parede junto da mulher já deitada. Era raro gozar dessa sensação possessiva.

Quando apagaram a luz, Luís acendeu os olhos no escuro do quarto à ideia de que era seu pai quem ocupava sempre na cama de colunas, vasta e lisa como eira, a borda de que era acessível o vaso de faiança rajada em que deixava cair a cinza dos cigarros. Maria Adelaide adormecera. Luís sentia para trás das costas o seu arfar igual, próprio de quem tem muito peito e sonha pequenas coisas por entre as quais a noite escorre como um fio de água em limos. Um desejo puro de qualquer reflexão que perturbasse o seu involuntário ressentimento preparava-se no escuro para acordar Maria Adelaide com certas astúcias musculares que se apoderavam de Luís sem como nem porquê, e que, enchendo-o de uma estúpida alegria animal, pareciam desterrar a sua pessoa moral como quem se desfaz de um empecilho. Ainda lhe tocou com o dedo do pé, depois voltou-se na cama expressamente para ela sentir que ele ali estava. Mas o corpo de Maria Adelaide defendeu-se com uma respiração hostil, arcada do fundo do sono. Luís ficou violentamente imóvel, até que toda aquela rigidez se foi pouco a pouco dissolvendo numa vegetação cerebral absurda e enevoada.

...Era perfeitamente de noite e numa rua malhada de amarelo por candeeiros foscas; uma ou outra luz encarnada devia assinalar portas de casas onde se entra por impulso e se sai cheio de remorsos. Cerveja que Luís bebesse ficava sempre com três dedos de líquido no copo babado de branco. Estavam na taberna ou no café de assento corrido ao longo da parede com a borda granada de veludo completamente pelada? Não era nada disso; era um touro (e sentiu no bolso as senhas de sombra amarrotadas, como os bilhetes de eléctrico que realmente pesavam na algibeira do casaco dependurado na cadeira onde o relógio de ouro avançava sem se mexer). Ele ia a dois passos da mulher que outro homem levava de braço, mas à janela não podia estar senão Maria Adelaide, que portanto não ia com ele nem com outro homem pela rua. Senhas de sombra é que não podia ser. O touro tinha uma frente imensa, e a parábola de sinais das suas unhas no chão era o rodado de um automóvel que levava um olho de Luís injectado a servir de lanterna de trás e cada vez mais fora do alcance da sua mão, que tentava reajustá-lo ao buraco aflitivo que tinha de um lado do nariz.

Para agarrar o homem que lhe roubara a mulher bastava-lhe acelerar um quase- -nada o passo e estender a mão com força. Mas o olho vermelho parecia-lhe muito mais importante, embora estivesse mais longe. Olhou para o lado, a ver, não lhe tivessem levado o copo de cerveja que lhe faria bem à boca. Parecia impossível que aos trinta e cinco anos ainda espremesse tremoços num copo de água do tanque para fingir que vendia bebidas alcoólicas ao balcão feito com a tábua de engomar à porta da loja da lenha, como fazia quando... espera lá... quando, o

quê?

A rua continuava e era mais amarela por causa de novos candeeiros que pingavam do céu como a chuva. Levava lama nas calças, mas tinha de andar para a frente. Havia uma pessoa que se escondia de quando em quando depois de lhe ter dito:

«Paciência!» Paciência porquê? Apetecia-lhe bater no vulto em questão, mas tinha vergonha de que dissessem que não sabia defender a sua rica mulher das garras de um ladrão de tanta manha que não chegava a fazer-lhe mal nenhum, e a obrigava a ir ali toda risonha a ouvir tudo o que lhe passasse pela cabeça dizer-lhe.

Quis apurar o ouvido e perceber porque é que ela não se zangava, mas havia um hú-hú que vinha do vento e do touro e tornava tudo confuso e perfeitamente inútil. Riam--se dele. Onde estava o primeiro que se atrevesse, para ele lhe partir a cara? Ninguém. O vento fazia exercícios nos fios da luz eléctrica e os globos de «nabo» diziam que sim lentamente, primeiro um, depois outro, depois todos, sem confirmarem nem desmentirem coisa que se fizesse ou se ouvisse. Aqueceu-se em Luís um ponto do miolo significando que quem rira fora a sua própria mulher. O homem que a levava dizia-lhe uma palavra doce e olhava para ela à espera da resposta, quando Luís sentiu, cheio de lágrimas, que se ele fosse a mulher também não podia deixar de responder ao homem rindo, nem de sentir uma água desgraçada e barrenta infiltrá-lo. Teve sede como quando se excedia a fumar, e lembrou-se do copo de cerveja, mas aqueles malandros do café tinham-lhe urinado dentro. Agora, que o raptor lhe ia ao alcance da mão, é que se entornava a cerveja, água de tremoços ou o quê! Ainda fez um gesto no fundo do poço sonolento para limpar o molhado, mas acordou ao som da própria voz empastada de inconsciência: «Haan... Tirem!»

Sentiu no corpo toda a sensação de um submarino que emerge de torres afloradas, e levou uns segundos a habituar-se ao céu de uma razão que se lhe curvava por cima, cheio de ideias claras, de um brilho puramente racional, como estrelas olhadas por astrónomos

Aquele sono era a transposição vital do seu amor por Margarida, acrescentado de um ciúme carnal que nunca tivera em vida dela. A compenetração entre ambos fazia-se sempre bruscamente, regida pelo estilo subterraneamente animal dos nervos de Luís, e Margarida ia com ele ao fundo das noites de amor como uma alpinista cheia de confiança no guia que a desce da borda do algar com uma corda pela cintura. O forte revestimento moral de todos os actos dela não tornava perigosa a aventura; mas essa falta de risco nas relações mais íntimas de ambos tirava-lhes não sei quê de soluçado e de doridamente profundo que fazia falta a Luís.

Examinando-se bem, era a única nota que faltava à harpa que havia cinco anos lhe tinha caído das mãos, e parecia que a sua morta, para que não ficassem incompletos, lhe mandava do fundo de um mistério, de visita aos seus sonhos.

Transcendentemente comovido, virou-se na cama e viu outra vez aquela espécie de céu indiferente, elucidativo e frio que lhe dera a posse de si mesmo logo depois de acordar. Uma claridade sem emoções, positiva e precisa como os seus compassos de arquitecto, perspectivava-lhe a sua existência naturalíssima numa cama de casal, alta noite, ao pé da segunda mulher e numa casa de campo. Se houvesse luz no quarto, veria perfeitamente a disposição das coisas, como se tivesse entrado numa vivenda desarrumada para tomar medidas das distâncias entre as janelas. Eram espaços, volumes e arestas como não importa onde.

Mas de repente sentiu o calor de Maria Adelaide para lá do lençol enrugado. O sono voltava-lhe como se uma poalha cinzenta embaciasse o céu; a sua clarividência parecia descer devagar ao longo de um guincho perro, mas lasso e delicioso, sem a mão de ninguém lá em cima... Tocou-lhe primeiro por acaso, no movimento de quem procura uma posição para ficar; depois com um ardil instintivo, sonolentamente capcioso. Maria Adelaide agitou-se com uma preguiça epidérmica, num tropismo que a abria e entregava nascido a grande fundura.

III

Recebeu-se carta de Veva dizendo que vinham brevemente passar o dia às Penhas. O Tomás, colocado em Vale do Zebro, aproveitava a licença para uma viagem ao Norte e tinham convidado a Brites. Traziam o Sr. Conselheiro Neto para se demorar uns dias.

Maria Adelaide foi ao fundo do pinhal dizer a Luís que a Brites vinha. Que pena não ficar! Tem Maria com ela; quando viessem para baixo, os outros podiam-na levar. Gostava tanto da Brites! Fora através dela que conhecera as Netos e, através das Netos, Luís. Brites representava-se-lhe sempre como aquela que nos contos de fadas traz o destino no regaço, uma mascote muito amiga. Companheira de colégio de Veva, das Thompson, de uma data de raparigas simpáticas que Maria Adelaide não teria conhecido sem ela – além de íntima amiga da primeira mulher do Luís. Era assim que Maria Adelaide designava aquela que lhe tirara o gosto de revelar ao marido certas coisas que não se repetem, que não se reconstituem. Uma muralhinha

de nadas que fecha para sempre os homens numa preocupação secreta e os torna ao mesmo tempo inexpugnáveis e apetecidos.

Maria Adelaide via ainda Luís como no primeiro encontro: viúvo de fresca data, em casa do conselheiro e recém-chegado da Alemanha, muito disputado ao serão, com o Beto num joelho e Mininha no outro, calmo, elegantíssimo, aquela tristeza velada que subia do seu fundo de viúvo, e que não era mais que um mistério latente, uma expectativa que intrigava. A Brites tinha um grande à-vontade com ele, se bem que fosse Tomás quem se ocupava mais dela; e aproximara-os tão bem, com uma camaradagem que facilitara tudo tão depressa!

Em casa do conselheiro todos aprovavam em silêncio que Luís tornasse a casar, decerto por causa dos pequenos. Havia pelo menos constantes alusões a uma vida quebrada, aos perigos que corriam as crianças nas mãos de pessoas estranhas, nurses, misses au pair. Veva, casada de fresco com um oficial de Marinha, o Sr. Conselheiro doente e só com a criada, uma instabilidade em tudo... Mas parecia haver outro interesse naquele coro de lástimas discretas sobre a solidão de Luís. A família Neto era muito sociável, mesmo mundana. A casa, aberta a reuniões em vida da Sr.a D. Amparo – e até depois –, enchia-se de casais, de convidados a entrarem e saírem em grupo numeroso e grulhento, os rapazes já noivos ou com flirt, as senhoras chegando mais cedo, os homens sempre com deveres de braço a dar nas despedidas, com amostras a trazer das lojas à hora em que desce o Chiado uma sombra dourada e um rio de gente. Luís era dos mais delicados e pontuais nestas coisas. Parecia fazer-se um vácuo aliciante e pesaroso à roda da sua viuvez.

E fora esse não-sei-quê da cumplicidade familiar e do encanto do pai com o cacho dos pequeninos que Brites soubera revelar a Maria Adelaide e oferecer-lhe. Estava metida à força nas alegrias e decepções agora concentradas nas Penhas. Que força havia em tudo que vinha pela mão da Brites!

Uma certa fama de doida... Não a conheciam bem. Se soubessem como ela era amiga da Veva e como sacrificava tudo para a ajudar a ser feliz, não se entreteriam a beliscar na reputação de uma rapariga que estava muito acima de todas as que Maria Adelaide conhecia. O Tomás era um pouco estarola, mas amicíssimo da mulher e incapaz de uma incorrecção. Tratava as raparigas como camaradas, parecia irmão de todas. De quantas se

dissera que tinham namoro com ele – e no dia seguinte, casadas com os seus melhores amigos! Não tinha filhos, gostava imenso de crianças, enchia de bombons e brinquedos as mãos das bonnes dos prolíficos camaradas da Marinha. Brites tinha o mesmo culto pelas coisas das amigas casadas. Os dois entendiam-se muito bem.

Agora raramente via a Brites. Casada para fora de Lisboa, mantinha com ela uma correspondência pontual, a três folhas por selo – e então as cartas dela, com aquela letrinha cerrada, de rabisco confuso em oo e aa, que metia as coisas do género feminino pelas do género masculino numa incerteza agradável, aguentando mais tempo a alegria do correio na mão. Luís, no choco da cama, ajudava a decifrar: «Entendes-te muito melhor com a letra da Brites do que eu.»

Vinha aí! Maria Adelaide punha a casa mais entusiasmada do que ela para receber os hóspedes: cortinas refrescadas, um arrumo diferente nos móveis, cada quarto em seu tom. A notícia da vinda da Brites era só por si mais capaz de lhe dar a alegria que ela sonhara para as Penhas do que a companhia de Luís, agora antipático e alheado.

A maldita sombra acamada entre os dois pela perrice de Mininha ainda não tinha passado. Não se falara mais no caso, nem havia razão para isso. Luís até a beijara debaixo dos pinheiros na tarde em que a casa ficou pronta, todos os estofos sacudidos, os pelargónios tirados da barraca de forro para os silhares da varanda, colchas de pássaros nas camas, o casal de perrouches estridente na casa de jantar. Mas, não sei porquê, os beijos dele pareciam comodistas, de uma pessoa que tem medo e ficou de repente acompanhada: ora ainda bem que viestes e que me sinto menos só!

Nos passeios ao Cabeço da Lagarta (a ida à célebre Fonte dos Castanheiros continuava enguiçada), Luís, de repente, deixava-a («Vou a casa num instante»), metia-se no escritório com o papel e os compassos; era talvez uma ala do Palácio da Justiça que rompia na sua imaginação. Mas Maria Adelaide aproximava-se do jardim e sentia-o no corredor ou naquelas suas deslocções sem motivo, de quarto para quarto, à procura do esfuminho ou dos fósforos que tinha na algibeira das calças.

Mininha e Beto, perdidos no pinhal, faziam barquinhos de corcôdea. Maria Adelaide chegava à janela do seu quarto, com um metro de peitoril acima do canteiro das dalias – e em baixo, dourando os canudos encarnados, o par de tranças de Mininha. Ficava irritada e não queria que Mininha brincasse nos canteiros. Luís fazia muito gosto nas dalias e recebia bem o ralhete. Ao menos uma vez...

Não: Brites não a pusera nos joelhos de Luís com aquela facilidade com que se contenta uma criança preparada para ouvir um conto muito lindo. Luís tinha dois filhos e apenas dois joelhos. Naturalmente tinham-se acabado os bons sonhos, já não havia contos no Mundo. Como as raparigas são parvas! Para que havia de andar com os olhos carregados de pinguinhos de água imbecis?

Se ao menos tivesse um filho... Os seus três anos de casada corriam como azeite num prato, um azeite tão absurdo onde nem o Inverno criava um começo de congelação, uma gotinha mais pastosa e alvadia por dentro da garrafa. Livre de todos os cuidados; não se levantava de noite para berço nenhum; o seu quarto de cama tinha não sei quê de egoísta e quase de inconveniente, um ar de «pouca permanência», um cor-de-rosa abafado de branco nas roupas, de quem se levanta tarde e é capaz de deitar-se a meio do dia.

A Brites não tinha culpa; quem traz um presente de cristal não é responsável se ele se parte. Oxalá que ela pudesse demorar-se uns dias nas Penhas!

Na véspera da chegada – telegrama de Tomás confirmando, e Maria Adelaide doente. De noite arrepios de frio, suada, à luz da vela acesa por Luís um clarão encarnado na cara. Acordou com um febrão; o Eduardo foi buscar o médico das Chãs no automóvel. Seria ainda tempo de prevenir para Lisboa que sustassem a partida? Luís hesitava. A Brites vinha, talvez se resolvesse a ficar ao pé de Maria Adelaide. O médico não se pronunciara claramente sobre a natureza da doença: tinha uma certa gravidade, mandava--se fazer uma análise, via-se depois.

O quarto ficou silencioso e às escuras. Mininha e Beto, subitamente enredados na teia de mistério da casa, paravam pelas portas, brincavam na casa de jantar à hora de dar o remédio. Depois, como a doente se queixasse de uma grande dor de cabeça, foi preciso levar as perrouches para a barraca do pinhal. O médico voltou à tarde e mandou preparar à pressa uma banheira de água fria. Lá se zangou Luís com a cozinheira pelo modo como fazia passar a tina de zinco nas portas: todos os volumes de cubagem aproximadamente humana – malas de porão, banheiras, caixotões – provocavam-lhe agora uma irritação invencível e palavras que a gente de serviço não gostava de ouvir. Um grande lençol encharcado ficou estendido na varanda.

Os cunhados chegavam amanhã, traziam o sogro, vinha a Brites; que atrapalhação e que transtorno! A casa ao anoitecer parecia outra vez em desordem, fechada há anos. O quarto dos pequenos, que andavam à solta todo o dia, perfeitamente desarrumado; e o cavalo grande do Beto, que afinal sempre viera, com uma orelha arrancada e de rodas suspensas no ar.

Este espectáculo do cavalo insistia em Luís com a preocupação do remédio a alternar com o alimento. Não havia xícara de bico. Podia lá prever-se uma doença de cuidado nas Penhas! Mas mandava-se tirar da louceira o bulezinho de chá Lipton do sogro e punha-se no quarto de cama uma das mesinhas do escritório. Luís encostou o seu relógio à garrafa do remédio e embrulhou os pés numa manta, sentado na cadeira de balouço.

Quando as visitas chegaram, Maria Adelaide dormia. Veva e Brites espreitaram pela porta do corredor entreaberta: a casa era pequenina, e no meio do dia armazenava um calor revessante e grosso, apesar das aragens do pinhal.

– Estás melhorzinha?...

– Hã... Nem me deixam ver as visitas... Abre um bocadinho da janela.

Uma tira de sol tarjava de alto a baixo a parede; Veva afastou-se para deixar Brites aproximar-se da cama:

– Sua preguiçosa...

A doente sorriu; depois perguntou se ela ficava:

– Dormes no quarto dos pequenos. Eu arribo depressa...

Deu outro suspiro nasalado, tentando uma posição melhor para meter conversa, vir à de cima. Mas Luís, que tapava a porta ao lado de Tomás, veio devagar compor a vira do lençol e impor docemente silêncio.

– Logo, logo, quando estiveres mais repousada... – disse Brites.

A sua voz levava um imperativo maternal, um narcótico muito fácil de tomar: Maria Adelaide recaiu no torpor da febre enquanto as amigas se afastavam.

– Assim de repente... – disse Veva. – E que diz o médico?

– Deve ser uma febre tifóide – respondeu Luís, trazendo-as para a casa de jantar. – Já tomou um banho frio. Vamos a ver... Vocês tiveram pouca sorte na viagem, coitadas!

– Não digas isso, filho! Até foi bom vir a Brites; deixamo-la cá.

– Está claro que fico – disse Brites. – Isto não há-de ser nada...

Luís disse também:

– Sim; espero que não há-de ser nada.

Cruzaram os olhares na identidade do prognóstico. Não faziam isso há muito tempo. Luís, depois de uma camaradagem estreitada na doença da morte de Margarida, perdera Brites de vista até voltar da Alemanha. Recaíram então na velha amizade por uns tempos, até que Brites, trazendo Maria Adelaide à vida de Luís como quem deixa uma pessoa ao pé de uma visita enquanto vai ali dentro, foi naturalmente endossada às tagarelices de Tomás.

Duzentos quilómetros separavam o novo casal dos seus conhecimentos de Lisboa. De meses a meses um encontro; no melhor da conversa: o Tomás que chegava com um grande

alarido. Mas Brites estava a mesma, com os olhos cada vez mais no fundo daquelas duas arcadas de indecisão misteriosa, avivadas em alta anatomia. Era a única nota melancólica de uma das caras mais frescas e fortes que Luís conhecia em mulheres. Uma tolice... Luís pensava-a sempre com um recuo focal de arquitecto, o cimento armado com uma granulação de calcário, uma coisa tola e secreta...

Como estava a mesa posta, debicavam. Tinham almoçado em viagem, num pinhal para cá da Batalha. Salada de atum. Veva queria só chá. Brites comeu dois pastéis e viam-se-lhe os dentes altos, comprimidos nas gengivas com uma centelha gomosa:

– Estão muito bons.

Maria Adelaide pairou outra vez na conversa através da excelência dos pastéis. Imaginou-se uma outra viagem, quando ela estivesse melhor, e em que a caravana de Lisboa viesse buscar a das Penhas e juntassem num souto do Norte a salada de atum com os pastéis. Maria Adelaide ocupava-se sempre dos cestos, chamava os motoristas, tirava do saco de mão os copos impermeáveis. Quem chega e quem espera tem sempre um lindo futuro a opor ao presente já puído... Calaram-se. A tensão da chegada lassa em todos; o pêndulo do relógio comia devagar o silêncio da casa de jantar.

Veva foi levar chá e biscoitos ao pai. O velho, aturdido da viagem, encostara-se logo no seu quarto. Um estranho que ali entrasse perceberia perfeitamente que entre o quarto e o conselho se passava há uma hora uma cena continuada de outra removida sem moosa pelo tempo, com esta facilidade que têm as pessoas decrépitas em esquecer os intervalos e reconhecer as bagatelas caídas há muito da mão. A palmatória com o coto já tinha uma caixa de fósforos; o Código emergia das pontas do cachene do conselho, aberto na mão esquerda. Dormitava.

– Papá, o chazinho...

Responderam a Veva as sobranceiras carregadas na exploração daquela intrusa. Depois o olhar do velho encheu-se de consciência, a mão lesa apoderou-se gradualmente da chávena:

– Que é da Milá?

– Está com dores de cabeça, papá... Vamos. Eu seguro.

O velho, desmemoriado, esquecia as coisas, que pareciam gelar-lhe nos dedos, e relembra-se delas como se sentisse um formigueiro num ponto distante da cabeça. Massajou a mão direita com a felpa das casas do casaco; carregou o sobrolho:

– É verdade: dores de cabeça...

– Mais um biscoitinho, papá.

O velho levantou a cabeça, roeu, disse:

– Onde estão os pequenos?

– O Tomás fechou-se no quarto com eles. Estão a desembrulhar os brinquedos. Encoste-se mais um bocadinho, vá... Eu ponho o livro na mesinha-de-cabeceira para quando acordar. Bem sabe que lhe faz mal ler assim...

O livro saiu dificilmente das franjas do cachené do Sr. Conselheiro Neto; o corpo do velho desceu entabulado ao travesseiro.

– Então – disse Tomás no corredor –, teu pai sempre fica? Acho disparate! Como é que a Brites há-de tratar dos dois ao mesmo tempo, e com a responsabilidade da casa?...

– Têm uma boa criada.

– Ainda assim...

– Oh, filho, havemos de levar o papá para uma viagem destas?! Então é melhor ir para Lisboa. Desiste-se de tudo; pronto! Vamos para a nossa casa...

Havia uma impaciência amuada na vozinha de Veva; a ideia de um transtorno criava-lhe invariavelmente nos olhos uma materialidade fusca entre o fuzilar e a lágrima. Tomás encolhia os ombros.

Era noite fechada quando o automóvel zarpou. O casal ia dormir a Coimbra e continuava para o Porto. Brites escreveria. Aquilo não era nada; o médico das Chãs tinha vindo de tarde e achara Milá muito melhor, menos prostrada. A febre seguiria as remissões, o seu curso...

Passos no corredor. Brites encostou atrás de si a porta do quarto da doente e levou a mão à cara para indicar a Luís que Maria Adelaide dormia:

– Dei-lhe o remédio há meia hora.

– Falou?

– Sim; que sentia mais dores de cabeça. Agora à noite não admira; a febre sobe sempre.

Sentaram-se à mesa de jantar com o candeeiro baixinho. Ouvia-se o pêndulo pulsar. Um grande pêssego no aparador.

– Já trataste de ti? – perguntou Luís.

– Comi muito bem, descansa.

– E a cama? Eu disse à Teresa que te pusesse um colchão no quarto dos pequenos.

– Para esta noite não. Quem fica com a Milá sou eu.

– Esta noite sou eu – disse Luís.

– Pschiu! – O dedo de Brites na boca; os seus olhos, por exceção, enérgicos, menos evasivos. – Tu é que vais fazer companhia à prole...

– Já disse o que tinha a dizer.

– E eu também. – O dedo de Brites outra vez vertical na boca.

A resistência de Luís afrouxou. Apeteceu o pêsego. Brites abriu familiarmente a gaveta do aparador e pôs um prato, um talher e um guardanapo na mesa. Parecia procurar uma coisa.

– Apetecia-te também? – disse Luís.

– Não; não era isso...

Como não havia mais fruta, Luís passou a Brites uma metade do seu pêsego:

– Os pequenos já dormem?

– Anda vê-los...

Passaram, pé ante pé, metade do corredor esvoaçado de reflexos do candeeiro, da vela que ardia ainda através das bandeiras da porta do Sr. Conselheiro Neto e de uma lamparina ao fundo numa cadeira de pau. Outra lamparina baixa na mesa do quarto dos pequenos. A casa, à noite, fechada sobre o pinhal recolhido ao próprio negrume, parecia o alto-relevo de uma cidadezinha fotografada de avião, com luzes rebatidas nos quarteirões e nas ruas.

Brites entrou à frente. O Beto dormia revoltado contra o peso da roupa excessiva, um pezito de fora, o braço direito estendido como quem empunha uma espada, a cabeça para trás no travesseiro. Brites passou-lhe os dedos pela trunfinha dourada:

– Que sossego!

Demorou os olhos em Luís: saíam dos arcos ósseos, rijos e cheios de vontade, com a tal inflexão melancólica que parecia uma atenuante voluntária ao que havia de duro em todo o corpo, uma grande solidez nos seios, nas ancas enxutas, na boca talhada do feitio de uma pinta de copas que nunca deixasse de ser trunfo. E abaixo, a condizer, uma luz leitosa nos dentes.

Mininha interrompeu o embevecimento causado aos dois pela posição do Beto a dormir, dando uma volta no colchão. Ficavam em duas caminhas alentejanas separadas uma da outra por um palmo de tapete de Arraiolos; os sapatinhos, irmanados, navegavam na sombra com as meias desdobradas como velas. Mininha dormia enconchada. Era um nadinha de mulher com o focinhito grave, as pestanas sedosas e côncavas aludindo à profundidade dos olhos agora embebida em si mesma, talvez aderida a outra profundidade ainda mais escondida, no avesso de

umas pálpebras de barro... Parecia-se muito com a mãe, e Brites desta vez não comunicou com Luís pela flecha dos olhos evasivos. Tornaram a olhar para o Beto, que não deixara a espada invisível da mão.

– Vês como ainda sei deitar os meus sobrinhos?...

Uma camada superficial de Luís desenhou lentamente um sorriso. Havia camadas mais profundas, uma antiga lagoa de lágrimas, depois uma rocha compacta em que cravava como garras preocupações contraditórias...

Mininha e Beto diziam antigamente: «a tia Bites». Fora ela que os levava à beira da cama da mãe para os beijos da hora da morte. Depois ajoelhara ao pé de Margarida e ficara a cantar-lhe baixinho uma coisa impossível e pegada, com um poder absurdo e narcótico: «Ohoh... ohoh... ohoh... ohoh...»

– Agora deitas-te aqui – disse Brites, compondo o colchão a lastro.

Luís não protestou. Do negrume da rocha atravessou naturalmente a lagoa de lágrimas, chegou à camada dos sorrisos. Mas tinha a boca direita, na sua inflexão saudável e um pouco abstracta, que o fazia simpático e preciso:

– E o remédio à Milá?

Brites largara o colchão:

– Dou-lho eu.

De pé, a roda da saia ondulando, tudo o que afirmava era garantido pelos seios, que apontavam discretamente. Mas Luís quis assistir ao dar do remédio e acompanhou-a.

Maria Adelaide parecia pior, muito quente. Acima da cabeça atada, a tarja da cama tinha o vago alargar de uma cruz, o princípio de qualquer sinal que a madeira não chegava a abrir. Brites e Luís foram deitar-se, apertando as mãos rapidamente.

IV

Luís não sabia o que era, mas no desenvolver daquela doença havia uma coisa malsinada, uma projecção de sol duro e frio que teimava por cima do sobressalto que o estado de Maria Adelaide lhe dava. E gostava mais do sol duro do que daquele cuidado sombrio, espalhado na moleza da casa.

Continuava tudo às escuras, andava-se na ponta dos pés. Só o quarto de jantar, apesar da ausência das perrouches, nadava numa grande estridência. O aparador luzia; e, à mesa posta só para Luís e Brites (os pequenos comiam antes e o Sr. Conselheiro no quarto), os talheres de cristofle pareciam blindados, a brancura da toalha ardia debaixo dos dedos de Brites.

A febre tifóide percorria Maria Adelaide com a indiferença de uma lesma que o nosso tacaõ não apanha. Ao meio-dia sentiam-se no corredor as botas apressadas do médico. Era um velhote grosso, simpático, quase um lapuz. Não comprometia a sua opinião sobre a marcha da doença, mas dizia sempre coisas animadoras a respeito de outros assuntos e partia com uma dureza solheira nos refegos vermelhos do cachaço. Conversava muito com Brites e, parando-a nuns olhinhos oliváceos, mergulhados em cerdas já ruças, sorria e contava uma anedota saudável, sem esperar pelo efeito infalível. Luís, à cancela da entrada, via-o afastar-se para o lado das Chãs na égua redonda e rabuda, que endurecia no trote a tira de sol da estrada.

Agora, o estado da doente habituara Luís a um jogo de hipóteses subterrâneas, arrastadas pelos cuidados superficiais e sabidos de cor do dia inteiro: o leite, o remédio, o banho, a temperatura. Brites fazia tudo isso, mas Luís fazia tudo isto também com os passos ao lado dela, num duplicado de sobressalto e de reforço, quase automático. De exclusivamente a seu cargo tinha o gráfico da febre: as linhas zuniam no papel num ziguezague achatado, em plató. E Luís, movido de um tique profissional, passara-o a tinta-da-china.

Vinha continuá-lo à casa de jantar, diante de Brites atenta à coluna de mercúrio: 38, 38,5, 40; 38, 39, 39,9... Era enervante. As febres tifóides eram assim. Brites tinha a experiência do caso da Guida Thompson, que levara três semanas entre a vida e a morte, com o cabelo cortado e o corpo num lago de suor. Arribara e engordou. As febres tifóides tinham aquilo também: deixavam as pessoas com uma saúde de ferro e um apetite devorador.

Os dois soldavam-se muito naquela partilha de receios em torno de Maria Adelaide. Uma décima a mais no termómetro parecia elevar a temperatura dos olhares que trocavam a propósito; sentiam a necessidade de fazer baixar a febre, baixar os olhos... Brites ia ao quarto dos pequenos, onde tinha a cama e a mala, fazer uma coisa qualquer; afinal, via-se ao espelho: ia procurar o... procurar a... Não se lembrava. Era a vontade de achar no movimento um obstáculo à ideia de que Maria Adelaide morria – mas uma ideia estúpida, disparatada, assente numa perspectiva fulgurante e submersa, primeiro dolorosa e depois pérvida. Voltava subtilmente à beira da doente:

– Acho-a tão melhorzinha...

Luís esperava a meio do corredor; separavam-se aliviados de um medo comum que parecia ter dois gumes.

Que queria dizer tudo aquilo? Há anos que não se viam assim, isolados na mesma casa, com uma vida a seu cargo num fio cada vez mais delgado. O dever era engrossar o fio num entorse conjugado e contínuo. Frente-a-frente, olhavam um para o outro e faziam girar as duas pontas. Agora eram horas de alimento, logo do remédio; depois, o acto comovedor de levantar o corpo febril – e Brites metendo habilmente o vaso de cabo de esmalte debaixo da coxa da doente. Maria Adelaide soltava um gemido sorridente, infinitamente doloroso sobre o ruído fétido e inevitável. E parecia que lhe tocavam, ouvindo aquilo, no seu fundo mais fundo de mulher. Que culpa tinham os tecelões se o fio teimava em partir-se?

Há cinco anos estavam como agora: Brites a um lado da cama, Luís do outro, um corpo de permeio. Mas era muito diferente. Margarida agonizava; uma dor comunicante trazia-os plantados à mesma terra humana, ali alagada entre ambos, com arrancas inexoráveis. Deus os livrasse de suporem que Maria Adelaide estava em perigo! Bastava aquela serenidade que agora se sobrepunha ao mau bocado que passavam – uma espécie de fulgor frio que brilhava no bem e no mal – para terem a certeza de que faziam enfermagem numa febre tifóide vulgar. Iam para a casa de jantar com Maria Adelaide nas palavras e uma convalescença antecipada.

Brites tinha os seios extremamente duros; não é que Luís tivesse um instinto ordinário, portuguesinho valente à coca de estruturas femininas – mas a mesa da casa de jantar acusava no bordo de lá essa realidade inegável. Eram duas durezas tope a tope, a da tábua e a da blusa; e uma resistência visual por cima dos seios de Brites, quebrável em certas condições... Luís deixava de olhar. Brites punha outra vez os olhos evasivos, como um abat-jour na sua força.

Falavam então de outras coisas. O Sr. Conselheiro Neto não saía do quarto: vivia entre o Código e o coto de vela dos serões, harpejava à altura do colete com a sua mão paralítica. Os netos às vezes iam brincar com o avô, mas aborreciam-se depressa; o velhote rabujava e não queria deixar o Beto fazer chapéus de dois bicos com o jornal da manhã trazido pelas oveiras. Como o Beto estava crescido! Brites teimava que ele se parecia extraordinariamente com Luís – um Luís menos abstracto, menos recolhido em si mesmo (ou a idade do pequeno não deixava ainda aflorar essa interioridade), mas com o mesmo ar, o mesmo pizicato no nariz, a mesma sinuosidade gulosa e mordaz na boca. O paralelo exigia uma observação detida e de focos poderosos assestados para o modelo: os olhos de Brites isolavam as feições de Luís como pinças de fogo.

Agora caíam a cada passo nestes exames fisionômicos, pondo-se diante um do outro como se tivessem aportado a uma ilha deserta e fosse conveniente inteirarem-se das reservas vitais de que cada um dispunha. O território da ilha era o silêncio da casa, o torpor de Maria Adelaide na febre, o Sr. Conselheiro na sua planície paralítica. E os pequenos brincando no mar dos pinhais com os seus barquinhos de corcôdea, como uns pescadores ao longe... Estavam quase cortadas todas as comunicações.

Mininha chamou:

– Brites, o avô não fala!

Luís, aproveitando o repouso de Maria Adelaide depois de tomar o remédio, fechara-se na barraca do pinhal, que servia para guardar os pelargônios e para onde levava há dias a tábua de trabalho e o rolo das perspectivas. Brites mandou a criada a toda a pressa chamá-lo:

– O Sr. Conselheiro está mal. Parece que lhe repetiu o ataque.

Entraram no quarto do velho. Mininha chegava as pontas do cachene do avô para as mãos desassossegadas, fazia-lhe festas, tinha os olhos vagamente marejados e uma compostura de mulherzinha. Brites pôs carinhosamente a mão na testa do velho; Luís tomou-lhe o pulso: estava quase normal. Mas uma vermelhidão vidrada e larga na face parecia indicar que o derrame cerebral se repetira. Brites e Luís entreolharam-se. O velho tinha a cabeça encovada no travesseiro, a barba à Guise humedecida, um pêlo anelado no lençol. Não dizia nada; mas a mão lesa entrara num movimento desordenado e repetido, a que a esquerda procurava dar inutilmente um rumo.

– Como se sente? perguntou Luís.

Os queixos do velho articularam-se; mas as palavras morriam numa guturalidade sem som, acusada pelas cordas caídas do pescoço, e a boca ficava-lhe entreaberta enquanto os olhos procuravam fixar-se naquelas duas cabeças indagativas, altas como aviões em patrulha.

– ...a ...ga ...da...

– Que diz ele? – bafejou Luís para o lado de Brites, debruçada sobre as ralas do velho.

– Escuta...

– ...a ...ga ...da ...ar ...ga ...ri...

Ninguém se mexia. Luís e Brites bebiam os olhares do paralítico coalhados de uma coisa pastosa acima de metade de um sorriso. Mininha fixava os olhos esbugalhados ora nos dois, ora no avô.

Então pareceu luzir na face do velho um clarãozinho de consciência – mas antiga, queimada, que funcionara bem em circunstâncias parecidas mas inteiramente passadas:

– Na... Milá...

– Chamou-me agora Milá... – segredou Brites a Luís; e para o velho: – Sou eu, Sr. Conselheiro; a Brites. A Milá está deitada. Sente-se melhorzinho?

O velho pareceu compreender. Os olhos encheram-se-lhe de uma clarividência resignada e severa enquanto paravam em Luís, suave depois de assentes nas tranças caídas de Mininha.

Luís saiu cabisbaixo. Entendia agora a primeira aravia do sogro, aquele rouquido enervante em que predominavam os gues, os des, o i insistente e bem vocálico. Chamava pela filha, pela mulher dele, Luís; tomava Brites por Margarida, depois por Milá, e só depois por quem na verdade ela já era... E este afloramento do letargo do velho a camadas sucessivamente mais densas de uma realidade que interessava todos os vivos daquela casa parecia a Luís movido por uma mão misteriosa que executava um desígnio irresistível, substituindo pouco a pouco os mortos já bem mortos por outros um pouco menos mortos, finalmente pelos vivos empolgantes, que tiravam a vida da morte como fortes garras de águia de repente baixas num campo... E sentiu-se subido a uma montanha, ao amanhecer, de pés nus num penedo dourado e agudo como vidro. Grandes lombas de um azul de riso humano emergiam da neve: era uma confusão de pedra e de pele, um encher de veias humanas pelo sangue do sol que vinha acima. Em baixo, no vale, uma mancha esbranquiçada e esteiada de ciprestes bebia nevoeiro: adivinhava-se lá a simplificação já quase consumada de vidas que desciam ao osso, com a última carne passada à terra endurecida, o último sangue coruscando nos olhos das águias de envergadura cínica e desdobrada. Mais acima, no caminho dos jericos serranos, a casa das Penhas, de portadas fechadas, estava quase engolida nos gorgolões da névoa.

Luís entrou no seu quarto de cama para saber de Maria Adelaide. Os torpores da febre, agora, eram menos pesados, deixara de sentir-se nos lençóis aquela impressão angustiosa de uma modorra em relevo, vogada na escuridão e marcada de quando em quando pelo palpar das narinas. Mas a doente tinha uma máscara terrosa e húmida por baixo de um rubor falso, de uns olhos sumidos e exaustos:

– Luís?

– Estou aqui... – Pegou-lhe numa mão desenhada na colcha. O sol de uma frincha alaranjava os dedos misturados: os de Luís direitos e comovidos cá em cima, no bico de uma lágrima interior; os de Maria Adelaide procurando devagarinho, inteligentes e diáfanos. – Sentes-te melhor?

– Muito fraca... Não posso levantar a cabeça. Não presto para nada... – Sorriu. Depois, a boca ficou-lhe vagamente arrepiada, como do toque de uma abelha depois de uma larva negra: – E a Brites? Ao menos tem-te feito companhia, pobre de ti...

Luís olhou para dentro, para a sua montanha coberta de neves admiráveis, transcendentemente frias... E, tendo pena de respirar melhor que Maria Adelaide ali na cama, no nevoeiro das roupas, disse:

– A Brites está com o meu sogro. Tomara vermo-nos na nossa casa, na outra; não é? Terias forças para uma viagem de automóvel, muito bem embrulhada?...

– Vocês desconfiam de mim...

O seu sorriso não era ressentido, estava para cá da indiferença dos que se sentem morrer. Luís protestou:

– Não gosto que digas tolices! Mas, se pudesses, era bom; tratavas-te melhor; a Brites não diz nada, mas tem a sua vida em Lisboa; perde a companhia do Tomás quando voltarem do Norte...

– Pois sim...

Luís foi para a casa de jantar espreitar o médico, da janela. As orelhas da égua afloraram à varanda de tijolo.

– Que lhe parece, doutor? Não seria melhor levar estes dois doentes para a cidade? Aqui na aldeia, longe da farmácia, numa casa sem recursos, quase todo o ano fechada...

Brites punha objecções. A sua responsabilidade de enfermeira mandava-a apresentar atenuantes, esconder dificuldades: mas sentia também um peso por baixo de uma montanha enorme como a de Luís, onde respirava bem de mais, à custa do vale enevoadado. E, olhando para ele de pé à porta, diante dos olhinhos enterrados e perscrutadores do médico, assistia ao cruzar das águias das duas montanhas agora cerrando em cordilheira. Tinha um vestido muito simples, de quadrícula amarela em fundo branco, quase perfurado pelos seios. O sol queimava-lhe o cabelo castanho-claro por cima do vestido gelado.

O médico experimentou em silêncio nos olhos de Luís e de Brites as suas ideias já formadas, e, com uma expressão laparota, muito subtil, disse enfim:

– Não vejo inconveniente em que os doentes vão de automóvel bem agasalhados; sobretudo, bem encostados, com bastantes almofadas. Em dois carros, é claro! Ah... evidentemente!

– Eduardo! Onde está o Eduardo? – chamou Luís.

A criada correu da cozinha. O motorista estava para o pinhal com os meninos; tinham pedido para ir à Fonte dos Castanheiros estrear os cantarinhos que o tio Tomás lhes trouxera.

– Vá já chamar o Eduardo; que vá buscar o carro às Chãs. Mexa-se!

– A senhora piorou?

– Não; ande! E ajude a Sr.a D. Brites a emalar o que for preciso. Vamo-nos embora hoje mesmo.

O chauffeur chegou açodado, com um molho de rama de eucalipto às costas, uma criança de cada lado. Mininha vinha muito direita, com o seu pote à cabeça e uma pinha aberta na mão:

– Toma, paizinho. Os pinheiros da Fonte são tão altos! Agora hei-de ir todos os dias à Fonte dos Castanheiros com o Beto e o Eduardo. É uma sombrinha tão boa!

O Beto meteu na algibeira do casaco do pai um punhado de bagas de eucalipto:

– As folhas são para queimar no quarto da Milá. O Eduardo diz que cheiram bem.

– Põe isso na cozinha e vai buscar o carro – gritou Luís ao motorista. – Telefona das Chãs para o 2434 que mandem a conduíte cá acima.

– A senhora está pior, patrão?

– Não. Mexe-te!

Os pequenos, muito espantadinhos, tinham-se deixado levar por Brites para o quarto e enfiavam à pressa as blusinhas azuis e as boinas. A criada pedira licença para chamar a Anica, que lhe viesse ajudar. Luís acedeu, contrariado. Depois sentiu necessidade de se mexer também, preparar malas, escolher os cobertores para Maria Adelaide e para o sogro. Mas viu-se de repente no escritório, diante das plantas e alçados do projecto do Palácio da Justiça, com a pinha aberta na mão. Então os pinheirinhos da Fonte dos Castanheiros, plantados há menos de dez anos, já davam pinhas daquelas? E os dedos nas lágrimas de resina, colados à recordação...

Pela porta do escritório entreaberta via-se às vezes a saia branca de Brites, onde ardiam os quadrados amarelos num estampado muito fino, quase que um fio de sol. Os carros chegaram. O conselheiro passou nos braços do motorista e de Luís e ficou afundado na conduíte, amparado pela criada. Não convinha que Maria Adelaide soubesse do que acontecera ao velho, e o carro alugado largou.

Depois, Brites e Luís foram buscar a doente num bioco de cobertores, quase pelo seu pé. Vinha bem-disposta, muito pálida. Inclinou-se no assento do carro, com a cabeça no regaço de Luís. Houvera uma hesitação:

– Queres-me aí ou à Brites?

– Não te zangas comigo? – disse a doente para a amiga. – Vou no colo do meu velho. Tem dormido tão mal, coitadinho...

Luís, debruçado para dentro do carro, sentia a mão transparente de Maria Adelaide no cabelo, viu a mão ágil de Brites hastear os pequenos para o assento do lado do motorista. Voltou atrás para fechar a casa. Uma língua de escuro lambia o corredor. Ajustou os batentes com força, o trinco estalou. O automóvel disfarçou com um grande rolo de pó o nicho das Almas do caminho.

In **NEMÉSIO, Vitorino**. Quatro prisões debaixo de armas e outras histórias, Lisboa, Verbo, 1971, pp. 172-199.